

Felipe da Silva Rodrigues

O conhecimento como virtude humana em Sócrates

Monografia de Bacharelado em Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Marco Heleno Barreto

Belo Horizonte

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2022

Felipe da Silva Rodrigues

O conhecimento como virtude humana em Sócrates

Esta monografia foi apresentada ao curso de bacharelado em filosofia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, com o desejo de receber o título de bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Marco Heleno Barreto

Belo Horizonte

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2022

Agradecimentos

Reconheço-me abençoado por minha família, representada pela minha mãe, Irene Pereira da Silva, e meu irmão, Naidio Pereira da Silva que sempre me apoiaram e me deram forças diante das minhas escolhas, em especial, a escolha pela vida religiosa. Sou grato pela vida e pelas orações que me sustentaram ao longo dessa jornada.

Agradeço aos professores e professoras que ao longo deste percurso me serviram de inspiração e motivação. Destes, quero render graças pelo meu orientador Prof. Dr. Marco Heleno Barreto, que sempre foi muito solícito e dedicado no ato de ensinar e conduzir seus alunos no horizonte do saber.

À Província Camiliana Brasileira que me permitiu a oportunidade de fazer parte dessa história como seminarista; agradeço também aos padres, nas pessoas do Pe. Gilmar Aguiar, Pe. Fabio Pinto, Pe. Mateus Locatelli, Pe. Zaqueu Pinto, Pe. Gildésio Batista e ao Pe. Elielton José. Estendo minha gratidão aos irmãos seminaristas, especialmente os que fazem parte da comunidade São Camilo de Belo Horizonte - MG, a qual pertenço.

Gratidão a Deus que me socorre e entusiasma no tão pouco que sou e tenho. Sou grato por me conceder o Cuidado e tomá-lo para si. Que por essa graça eu possa viver confessando a verdade em amor (cf. Ef 4, 15)

E a todos que rezaram por mim, e que fizeram parte dessa minha caminhada.

Gratidão!

*Existe apenas um bem, o saber, e apenas um
mal, a ignorância.*

Sócrates

Resumo

Considerado um dos maiores pensadores da filosofia antiga, Sócrates foi em Atenas, um cidadão que buscou se empenhar no que dizia a respeito do conhecimento. Tamanha foi a convicção de Sócrates pelo que ele defendia sobre a importância do saber, que isso lhe valeu a condenação à morte. Este trabalho de pesquisa visa realizar uma reflexão de como Sócrates pensa o conhecimento como virtude humana e destacar a sua proposta filosófica, como uma nova maneira de pensar e viver no mundo.

PALAVRAS-CHAVES: Sócrates. Conhecimento. Virtude. Felicidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1 – O FENÔMENO DA SOFÍSTICA	8
1.1 Contextualização histórica da sofística	8
1.2 O fenômeno da sofística	9
1.3 A epistemologia sofística	11
1.4 A virtude na concepção da sofística	12
1.5 A contribuição da sofística para o pensamento filosófico	14
CAPÍTULO 2 – O CONHECIMENTO EM SÓCRATES	16
2.1 Contraposição aos Sofistas	16
2.2 Não-saber-socrático	17
2.3 O conhecimento em Sócrates	18
2.3 A natureza da virtude em Sócrates	23
2.4 a proposta do pensamento socrático	27
CONCLUSÃO	32
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico pretende expor como Sócrates elabora e pensa o conhecimento como virtude humana. Para salientar a sua inspiração, abordarei como sua proposta, sua nova forma de pensar e viver nos ajuda a encontrar a tão desejada sabedoria.

Sócrates nasceu em Atenas em 470/469 a.C. e morreu em 399 a.C. tendo sido condenado por impiedade (foi acusado de não crer nos deuses da cidade e de corromper os jovens por ensiná-los a questionar as ideias e saberes correntes) tornou-se um dos principais pensadores da Grécia antiga. Sócrates é considerado um dos homens mais sábios e inteligentes. Se hoje temos obras que levam o seu nome é porque alguns dos seus discípulos, como Xenofonte e Platão, se empenharam em registrar os diálogos proferidos por ele. A sua herança filosófica não é retida apenas nesses diálogos, mas foi também difundida por outros de seus discípulos que fundaram escolas filosóficas nas quais foram passados adiante os seus ensinamentos. Sócrates é o fundador do método sistemático da *dialeghtha* (a dialética socrática) que consiste em discutir, investigar e refutar algo até o fim.

É extremamente desafiador, e talvez impossível dizer quem foi Sócrates histórico, ou ainda que se tenha fatos da sua existência. Entretanto, segundos relatos de seus contemporâneos, Platão, Xenofonte e Aristófanos que disseram que Sócrates viveu em Atenas no final do século V a.C. Fazer uma abordagem geral de Sócrates é trazer de maneira objetiva e admirável suas virtudes (Qualidades) e enumerar algumas atitudes que não são propriamente qualidades. Todavia, quando se trata de Sócrates, mesmo de Sócrates idealizado, criado por Platão e Xenofonte. A figura do filósofo aparece imediatamente a quem a descobre como ambíguo e inquietante.

Sócrates afirma que todo homem tem sua própria opinião e abertura para o mundo, ou seja, ele acreditava que o conhecimento estava fundamentado e enraizado na mente humana e que era possível acessar por um processo de perguntas e respostas que ele considerou como Maiêutica (arte da obstetrícia), uma técnica de ensino e investigação que ajuda as pessoas a descobrirem nas suas opiniões as verdades dentro de si. Essa novidade do filósofo não extraí a verdade pela destruição das opiniões, mas ao contrário, revela a *doxa* (opinião) em sua essência. Sócrates não queria ensinar conteúdos aos cidadãos, ele queria aperfeiçoar as opiniões que constituem a vida política, isto é, ele

queria levar os cidadãos por meio do seu método de discussão ao conhecimento da verdade.

Para Sócrates “o homem é sua alma racional”, isto é, sua *Psyche*, (seu eu consciente, sua personalidade intelectual e moral). A *areté* (virtude ou excelência) promove a descoberta do conhecimento seguro que a alma deve ser em função de sua essência. *Areté* na Grécia significava coragem e força para vencer as dificuldades da vida e era uma virtude muito desejada porque possibilitava alcançar os valores mais elevados. Sócrates vai apresentar uma nova concepção de *Areté* como conhecimento, desta forma, apresentarei o método socrático como caminho para a excelência humana.

CAPÍTULO I– O FENÔMENO DA SOFÍSTICA

1.1 Contextualização histórica da sofística

É inevitável compreendermos o fenômeno da sofística e da especulação socrática sem antes fazemos uma merecida volta histórica. Os sofistas, que se consideravam mestres e sábios em determinada arte, surgiram em oposição aos pré-socráticos que buscavam entender os fenômenos da *physis* (natureza). Com base nesta perspectiva predominante de uma doutrina de ordem universal, cosmológica, impecável e íntegra. Os sofistas criticaram essa teoria porque ela não conseguia ajudar o ser humano em assuntos básicos da vida como por exemplo; se livrar de um problema pessoal.

Desta maneira, para o pensador Vasconcelos:

“É justamente o estiolamento dessa especulação fisiconaturalística que enseja o advento dos sofistas na cena intelectual ateniense. O universo e os fenômenos que lhe diziam respeito eram apresentados num refinamento teórico que os tornava incompreensível e fastidioso. De uma excentricidade que marcava o burlesco era, por exemplo, o raciocínio desenvolvido por Zenão de Eléia para tentar demonstrar que Aquiles não alcançaria na corrida uma tartaruga, que se lhe tivesse antecipado no momento de partir”. (VASCONCELOS, 1998. P. 60).

Os sofistas surgiram no século IV e V a. C. Eles eram um grupo de sábios que dominavam técnicas de retórica e discurso. Os sofistas romperam com a tradição pré-socrática, ao questionar os costumes da sociedade ateniense. A palavra sofista, significa do grego, “*sophistes*”, que coincide com o termo “*Sophia*” que significa sabedoria. Com isso, os jovens procuravam os sofistas com o interesse de adquirir conhecimentos e alcançar a virtude (*aretê*), uma vez que para participar da vida política da cidade grega, era necessário o domínio do bom uso da palavra.

Com a expansão da sofista e o seu triunfo, se deve a um conjunto de causas históricas, políticas, social e filosóficas. Entre esses eventos históricos, existe a vitória dos aliados sobre a persa, em fins de 479 a.C, que teve como decorrência entre os gregos. Neste entusiasmo, Atenas conquistou o poder sobre as demais cidades gregas. Desde as reformas ocorrido na Grécia, a partir do século Va.C, a definição de cidadania era clara e como direito de participação na vida pública da *polis*. A obrigação de cidadão significava basicamente o cumprimento de obrigações. Por isso, todos os cidadãos apresentavam uma grande afinidade com a cidade-Estado, a fim de confundirem seus objetivos particulares com os objetivos da sociedade.

Os sofistas foram atraídos por Atenas. Lugar onde eram bem valorizados, bem pagos por suas aulas. Embora, a Grécia e as colônias gregas tenham tido sofrida influência dos sofistas, foi exclusivamente em Atenas que os sofistas tiveram maior apoio. Todavia;

Seria desacerto dizer que Atenas foi a único lugar na qual os sofistas exerciam seu comercio. As grandes cidades da Sicília e do sul da Itália, em particular, eram também o lugar de trabalho dos sofistas, mas certamente Atenas era, na segunda metade do século v, a escolha primeira. (DILLON/ GERGEL, *The sophists*, p,xi)

Já no período clássico, as transformações sociais, econômicas e políticas fizeram com que o pensamento tradicional fosse questionado. Com isso, os valores nele contido deixaram de ser úteis às necessidades do homem grego. Portanto, o homem enquanto cidadão se tornava o novo objeto de investigação da filosofia. Com base nestes fatos, o historiador Guthrie discute um pensamento importante para o nascimento da sofística:

“Sem dúvidas, os sucessos dos gregos contra os bárbaros tinham-lhes dado o nome autoconfiança e orgulho por seus rendimentos, e, embora a opinião popular ainda estivesse pronta a dar ouvidos a estórias de inversão pessoal de deus e heróis em Maratona e alhures, era o 14 especialmente entre os atenienses, o sentimento de que estivera sozinhos e sozinhos venceram”. (GUTHRIE, 1995. P. 22).

1.2 O fenômeno da sofística

A palavra *sophistés* deriva da raiz *sophía*, traduzida como sabedoria, mas liga-se, mas propriamente à derivação *sophos*,¹ qualificação concedido a homens conceituados, que se destacaram por uma ou mais virtudes exclusivas, os ditos sete sábios,² entre eles o filósofo Tales, o poeta Pítaco e político Sólon. Com um significado diferente de *sophos*,

¹ “As palavras gregas *sophos*, *sophia*, que se costumam traduzir por sábio e sabedoria..., adquiriram naturalmente alguns matizes delicados (...). Em primeiro lugar, denotam primeiramente perícia em determinada capacidade (...). Este sentido passa facilmente para o de conhecedor geral ou prudente (...). Aí *sophos* ainda podia continuar significando um perito (...), embora mais provavelmente esteja passando para o sentido de instruído em geral. Hesíodo faz de Lino, o cantor e músico mítico, como versado em todas as espécies de *sophia*. Desta maneira foi usado para se referir aos sete *sophoi*, sábios, cuja sabedoria consistia sobretudo na arte prática de estadista (...), ou a alguém de bom senso” (Guthrie, Os sofistas, p. 31-32).

² Esta listagem não é exata. O acervo convencional, mas antigo é a que aparece no tempo de Tales de Mileto, cerca de 585/4 a.C. (CF. KIRK/Raven/chofield, Os filósofos pré-socráticos, P.46). “Os homens considerados sábios eram os seguintes: Tales, Sólon, Períandros, Cleôbulos, Quílon, Bias e Pítacos. Acrescentavam-se a estes Anácaris, o Cita, Míson de Quen, Ferecides de Sírios e Epimênides de Creta; algumas fontes incluem ainda o titano Psístratos. São estes os sábios” (Diógenes Laércio, *vidas* I, 13).

a emanção de *sophistés* surgiu no século V a.C como vimos anteriormente e se refere ao homem capacitado, cheio de amplos conhecimentos e de um nível elevado de inteligência.

Com o surgimento do fenômeno da sofística, o termo teve uma mudança de significado e de sentido: O novo *sophistés* era o professor, o palestrante, o mestre que vendia seu conhecimento por um bom preço. De outro lado, o que os sofistas ensinavam era válido para a formação humana e o preço era justo conforme aponta Realle;

Os sofistas não tinham casa fixa, nem salário, e, portanto, tendo concebido o seu saber e a sua obra como tal, ele deveriam necessariamente fazer dela uma profissão e exigir o pagamento para sobreviver. Mesmo diante de todo o abuso, é preciso ser cauteloso. (Reale, História da Filosofia antiga, p. 196).

Os sofistas estão relacionados com o “sofismo”, saber falacioso que representa o falso como verdadeiro e a argumentação, o raciocínio, a retórica mesmo que não seja verdadeiro. Eles levavam em consideração as necessidades de cada indivíduo com o intuito de ensinar conhecimentos úteis para o sucesso pessoal nos negócios privados e públicos. Entretanto, os sofistas com o tempo, ganharam um sentido de imposição devido, às críticas de Platão e Aristóteles. Como já fizera Sócrates:

“Eles sustentaram que o saber dos sofistas era “aparente” e não “efetivo” e que, ademais, não era professado tendo em vista a busca desinteressada da verdade, mas sim com os objetivos de lucro. (REALE E ANTISERI. História da Filosofia Antiga: Antiguidade e Idade Média. P. 73).

Os sofistas pregavam e ensinavam a liberdade de espírito, o ceticismo e o relativismo. A sofística não é uma escola filosófica, é um método educacional que tem esforços independentes, professores individuais, isso faz com que tenha bastante diversidade. Existe três gerações dos sofistas, a primeira geração é chamada dos grandes mestres, porque tinham grandes ideias éticas educativas, além do financeiro. Os autores constituintes dessa era são; Protágoras, Górgias, Hípias, Antifonte e outros. A segunda geração é conhecida como Eristas que estavam apenas preocupados em fornecer argumentos para ganhar os discursos, ou seja, eram amantes da arte da disputa pela disputa. Os pensadores dessa geração são; Eutidemo, Dionisiodoro e outros. A terceira geração sofística é popularmente conhecida como política, aqueles que utilizam sabedoria para alcançar seus próprios fins. Seus principais fundadores são; Crítias, Trasímaco e outros.

1.3 A epistemologia sofística

O discurso *antilógico* é, por assim dizer, a metodologia de ensino da sofística, que acreditava se possível acreditar em afirmações contárias e a favor a respeito de assunto, sem que cada um perca sua relevância. O modelo de educação que estava em alta no século Va. C. Segundo Eliana Borges:

“O modelo de educação que se manteve até meados do século V a.C. Iniciava-se com a *trophé*, que consistia basicamente no cuidado na alimentação e na receita ou declaração dos poemas homéricos, por parte da mãe ou da aia. A *trophé* era uma educação informal que buscava a formação moral, de acordo com os modelos retratados nos poemas, bastantes ligados à beleza física e às virtudes heroicas”. (CURADO, B.F.C. O movimento sofista e o ensino da *areté*. P 24).

Quando as crianças completavam nove anos, elas eram levadas ao *Gymnasium*³ pelos tutores designados a cuidar da educação com o intuito de aprender as primeiras letras, na música e na ginástica. Em oposição a metodologia socrática da “Dialética⁴” e da “Maiêutica⁵”, os sofistas questionam a existência da verdade, de modo que ela se manifeste por meio da concordância entre os homens. Não obstante, os sofistas foram questionados pelos filósofos gregos, de modo especial Platão (428 a.C. -347 a. C) e Aristóteles (384 a.C. -322 a.C). Segundo Platão, os sofistas não eram considerados filosóficos e sim mercenários porque não existe outra doutrina além das técnicas de argumentação e do ato de ensinar que lhes cabe. (Errico,2014).

Efetivamente, os sofistas conseguiram efetuar uma grande revolução psíquica, movendo a reflexão filosófica sobre a natureza e do cosmo para o homem e aquilo que diz a respeito à vida humana como integrante de uma realidade. É cognoscível que os sofistas se apoderaram dos temas éticos como a política, a retórica, a arte, a linguagem, a religião e a educação para criar o que chamamos a cultura do homem. Com isso, os sofistas deram início ao período humanista da filosofia antiga.

³ Havia em Atenas dois lugares dedicados a educação das crianças: o *gymnasium*, local de acesso público e a *palestra*, instituição particular.

⁴ MORA, J. Ferrater. Dicionário de filosofia. Ed. Loyola, São Paulo, Brasil, 2001. P. 718. Tomo I. **Dialética**. Significa “arte do diálogo”.

⁵ MORA, J. Ferrater. Dicionário de filosofia. Ed. Loyola, São Paulo, Brasil, 2001. P. 1833. Tomo III. **Maiêutica**. O método da arte maiêutico – “O método socrático” – consiste em levar o interlocutor à descoberta da verdade mediante uma série de perguntas (e mediante a exposição das perplexidades a que as respostas vão dando origem).

Esse movimento de mudança radical do eixo filosófico, se explica pelo conjunto de ações de dois diferentes tipos de causas. De um lado, a filosofia da *Physis*, se enfraquecia todas suas perspectivas de explicação da realidade, há um esgotamento aos limites extremos. Desta forma, há uma necessidade por uma nova busca de pensamento. Por outro lado, demonstraram interesses pelos fermentos sociais, econômicos e culturais que favoreceram o surgimento da sofística.

1.4 A virtude na concepção da sofística

O termo grego para excelência é *areté*, conceito relacionado com o sistema educacional e a formação ética da Grécia antiga. “Na sua forma mais pura”, diz Jaeger, “é no conceito de *areté* que se concentra o ideal de educação dessa época”.⁶ A excelência humana em linhas gerais, significa características relacionadas com a coragem, a sabedoria, a malícia e a força.

De acordo com a história, a crise da aristocracia, acompanhada pela *pari passu*, ou seja, pelo aumento do poder do povo (*demos*), o crescimento de estrangeiros, às cidades, especialmente em Atenas, com a expansão do comércio, a disseminação do conhecimento. Todos esses acontecimentos, serviram como base para o surgimento da problemática sofística. A crise da aristocracia provocou também a crise da *areté*, os princípios clássicos, que eram normas estimados pela aristocracia. O crescimento do poder do povo e a possibilidade de consentir ao poder a convicção de que a *areté* está intimamente relacionada ao estado de nascença, ou seja, o ser humano já nasce virtuoso e não se tornava virtuoso.

Além do interesse pelo saber, os sofistas visavam o conhecimento prático, sendo assim, essencial para a busca dos alunos. Os sofistas eram especialistas que andavam o mundo grego, de cidade em cidade. Ofertavam demonstrações públicas de saber e retórica. Mas o que ensinavam os sofistas? Eles se esforçavam em educar os jovens que lhes pagasse a *areté* (Virtude) a excelência compatível com a realidade democrática da época. A *areté* sofística, supõe um movimento de busca do homem. Entretanto, a verdade que a doutrina sofística implica, traduz um sentido positivo: “com efeito, com os sofistas, o problema educacional e o compromisso pedagógico emergem para o primeiro plano e assumem e assumem um novo significado”⁷. Realmente, os sofistas se dedicaram a serem

⁶ PAIDÉIA, P. 25.

⁷ REALE E ANTISERI. História da filosofia Antiga: Antiguidade e Idade média. Ed. Paulus, 2002. P. 75.

porta-voz de que a virtude não depende da genética (nascença) do ser humano, mas se fundamenta no saber. Segundo os autores Giovanni Realle e Dario Antiseri;

“Os sofistas exigiam compensação pecuniária por seus ensinamentos. Isso escandalizavam imensamente os antigos, porque, para eles, o saber era fruto de desinteressada comunhão espiritual, ao passo que só os aristocratas e ricos tinham acesso ao saber, pois já tinham os problemas práticos da vida resolvidos, dedicando ao saber o espaço do tempo “livre das necessidades”. Já os sofistas haviam feito do saber uma profissão, devendo, portanto, exigir compensação para que pudessem viver e difundir-lo, viajando de cidade em cidade. Assim, os sofistas rompiam com uma camada, oferecendo também a outras camadas a possibilidade de adquiri-la”. (História da Filosofia Antiga. P. 75).

Os sofistas se consideravam professores da nova virtude, isto é, diziam saber preparar e direcionar o cidadão para a boa conduta na sociedade. Relaciona-se assim, seus ensinamentos, à ética, a moral e a política. A virtude, então, se torna cívica e a palavra se torna instrumento de realização do homem, pois é através dela que os indivíduos participam das assembleias restritas do polis, encarregados de deliberar assuntos que relacionam com a sociedade. Portanto, ser um excelente orador significa se tornar o magistral por excelência.

Para o funcionamento da nova virtude, é necessário o uso da retórica, isto é, da arte de convencer através da palavra, utilizando do *logos*, isto é, as razões e concepções de uma realidade, tendo como fundamento não o que a realidade seria em si mesma ou por natureza, mas observando absolutamente como ela se apresenta a nós e tal nos será utilizável. Os sofistas definiram, o que não é muito comum a nós, que é possível ensinar a virtude. Desta maneira, o ensinamento de Marilene Chauí:

“Se tudo é por convenção, tudo pode ser ensinado, o que seria impossível se já trouxéssemos em nós, de modo inato ou por natureza, todas as habilidades, leis, ideias, normas e costumes. Assim sendo, a virtude pode ser considerada uma convenção social. A *areté* é *nómos* e por isso pode ser ensinada”. (CHAUÍ, 2006. P.167).

Os sofistas apoiavam a ausência de uma realidade verdadeira que não oferecesse acesso aos sentidos, ou se no caso existisse essa realidade, não era possível conhecê-la. E com isso, não era possível qualquer julgamento sobre ela. Essa posição dos sofistas, está de acordo com muitos pensadores modernos que desejaram que o senso crítico fosse investigado, pois permitiria a desmitificação do mundo. Segundo Wolfgang Röd:

“O relativismo sofista evidentemente está ligado àquilo que foi chamado de *skepsis* dos sofistas, enquanto, negavam a existência de uma realidade verdadeira ‘por trás das coisas visíveis. Se é impossível, como ensinavam

Proágoras e Górgias, captar a verdadeira essência do mundo mediante a razão pura, então em termos práticos não faz sentido recorrer a uma pretensa percepção essencial, da forma como fez Heráclito. Com isso, esvazia-se a possibilidade de contrapor uma minoria de supostos ‘videntes’ à multidão dos que não vêem, e atribuir àqueles o direito exclusivo de decisão – aqui é evidente a crítica à condenação aristocrática”. (RÖD, 2004. P. 102).

O pensamento dos sofistas estavam de certo modo enraizados na Grécia, pode-se dizer que eles estavam preocupados na importância da argumentação e se preocupavam com a *nomos-physis*, isto é, entre o que seria de direito da natureza e o que seria mera transformação humana.

1.5 A contribuição da sofística para filosófico

O nascimento dos sofistas se deu de fatos históricos que possibilitou o homem descobrir um novo mundo no Ocidente, rompendo com as massas da vida pública. Anterior a eles, a filosofia era uma especulação sem fundamento, onde o filósofo era o homem que no isolamento monologava ou quando pouco dialogava com o universo.

Com o surgimento dos sofistas, surgiu o filósofo na *polis* (cidade) que em vez de meditar ou dialogar, discute. Eles também praticavam algo imoral para sua época: ensinavam por dinheiro, isto é, cobravam por ensinar o conhecimento. Os sofistas pretendiam criar um poder de argumentação, uma habilidade retórica de dominação do conhecimento que serviria como um jogo de palavras, raciocínios e concepções que seria utilizado como arte do convencimento das pessoas. Toda essa teoria dos sofistas favoreceram o nascimento de perspectivas filosóficas relativistas sobre a existência das coisas. Como vimos anteriormente, segundo o relativismo, não existe uma única verdade originária das coisas. Tudo seria relativo ao sujeito, ao contexto e a circunstância. Portanto, a maior contribuição dos sofistas foi com certeza, a supervalorização da razão como meio de contribuir com a formação humana. Sem a sofística, não haveria Sócrates, nem Platão.

Os sofistas não foram relevantes apenas porque contribuíram para a formação da sociedade grega democrática, ou porque suas teorias abriram possibilidades de pensar racionalmente a história, a política, a ética etc. Mas ainda, porque os sofistas foram capaz de gerar reflexões acerca dos vários problemas filosóficos fundamentais da modernidade. Por exemplo, a verdade, a ética e a exigência de uma boa oratória, especialmente em relação ao sistema político.

Portanto, como descreve Chauí nas palavras de Guthrie que diz: “um sofista ensina e escreve porque tem um dom especial ou porque tem um saber prático a comunicar”.⁸ Com isso, eles contribuíram com o avanço educacional e a propagação de pensar logicamente as realidades e alcançar excelência.

⁸ CHAUI, M. Introdução à filosofia. P. 161.

CAPÍTULO II – O CONHECIMENTO EM SÓCRATES

2.1 Contraposição aos Sofistas.

Como refletimos anteriormente, o conhecimento não é propriamente um caminho para a virtude segundo o movimento da sofística, porque o saber não tem como objetivo específico desenvolver a excelência humana, mas volta-se para outros fins como, por exemplo, o sucesso político.

Segundo Jaeger (2018), Sócrates é uma das figuras imortais da história que se converteram em símbolo. Para Platão, “a filosofia professada por Sócrates se caracteriza como aquela que definiu como escopo o conhecimento de si mesmo e não dos outros” (PLATÃO, 1987, 38^a). Pode-se afirmar, então, que Sócrates concebeu uma nova forma de pensar a filosofia, que orientava a ação investigativa para aquilo que definia a essência do homem (alma). Por essa razão, como destacam Bordin e Melo (2012), na visão de Sócrates, o ser humano deve assumir uma conduta voltada para o logos interrogativo de sua própria natureza e dominar as virtudes, a fim de praticá-las diligentemente.

Os mesmos autores afirmam que o saber era possibilitado por ocasião da reflexão e carregava, consigo, a necessidade da ação moral. Esta, por sua vez, era suportada pelo conhecimento da essência humana e não da virtude, a qual os Jônios haviam se atarefados de apreender. Pires (2015) destaca que Sócrates, em sua defesa no tribunal, disse que nada sabia. No entanto, o que, de fato, Sócrates parecia tentar dizer é que nada sabia dos conhecimentos a respeito das causas e princípios da natureza e sobre a conduta sofística, principalmente, quanto às práticas maléficas, a seu ver, utilizadas pelos sofistas de cobrar pela instrução do conhecimento.

Como descreve Jaeger (2018), ao olhar focalizado nos homens e nas qualidades humanas – tal como a própria vida –, Sócrates trouxe, com seu exemplo, uma mudança no conceito de *areté*, “cuja consciência se revela no interesse inesgotável dedicado à sua pessoa” (JAEGER, 2018, p. 499). Em contrapartida, é por meio do seu influxo sobre terceiros que a personalidade humana de Sócrates se manifesta. Portanto, seu órgão fundamental era a palavra e, por isso mesmo, ele nunca modelou por escrito essa palavra oral, o que denota o quanto era importante e fundamental a relação da palavra com o ser vivente (JAEGER, 2018).

Deste modo, como afirma Jaeger (2018), o modelo de Sócrates representava um obstáculo quase insuperável porque seu método mostrava uma tentativa de exposição, sobretudo quando se tem presente que a sua forma de conversar era por meios de perguntas e respostas, o que não se encaixava em nenhum modelo de educação literária tradicional à época. No entanto, ainda que esse método fosse criticado quando se trata de expor o conteúdo das suas conversas, Isócrates revela, nos seus primeiros escritos, o quanto esse espetáculo se tornava grato aos olhos maliciosos do mundo, e como Sócrates facilitava o trabalho dos “opositores” perante os que eram incapazes de discernir (JAEGER, 2018).

2.2 O não saber socrático

Segundo Santos (2014), Sócrates ainda que alegasse “nada saber”, o fato é que ele possui um vasto e profundo conhecimento. Esta hierarquia do homem com a sua alma em relação ao corpo fica evidente em alguns diálogos de Sócrates com seus interlocutores⁹. No banquete, Platão descreve sobre o novo juízo de valores que Alcebiades, em O Banquete, fala a respeito de Sócrates:

Sabei que se alguém é belo, não lhe importa absolutamente. Antes, por incrível que pareça, o aprecia muito pouco; nem lhe importa se é rico, ou se tem outra daquelas qualidades que as pessoas valorizam; mas considera que todas essas coisas nada valem e que nós somos nada. Acredite-me se quiser. (PLATÃO, 1991, P. 122).

Segundo Damo (2015), a contradição do não saber é um problema de origem epistêmica. O fato de Sócrates afirmar que nada sabe ou se apresentar como ignorante sobre assuntos fundamentais, mostra que ele perdeu a referência das virtudes. Entretanto, ele demonstra uma quantidade enorme de conhecimento, esse utilizados para desconstruir aqueles que se consideravam conhecer a origem das virtudes.

O fato do “saber que nada sabia” faz com que Sócrates seja considerado o mais sábio entre os homens. Sócrates se destaca entre os demais de sua época, pois, como salienta Pierre Hadot (2011), o saber que os homens possuem é um saber vazio. Compreender que “nada sabe” é a atitude esperada de um homem sábio, postura adotada por Sócrates e esperada por ele em relação aos outros homens, ou seja, a tomada de consciência de que nada sabem. Esse processo de reconhecer que “nada se sabe”, o qual Sócrates tanto prezava, leva os seus interlocutores a uma tomada de consciência da sua

⁹ REALE, Giovanni. Platão, p. 194.

própria natureza. Conhecer a sua própria natureza, como ressalta Vaz (2014), é o que permite ao indivíduo agir por si segundo sua natureza.

Segundo Damo (2015), existe duas vias a respeito do que Sócrates nada sabia:

“[...] a primeira via interpretativa é que Sócrates não seria sincero, e essa interpretação por si só já resolveria o paradoxo. E a segunda seria que Sócrates não é sincero ao afirmar que não sabe, então ele saberia das coisas e ocultaria isso dos adversários”. (DAMO, 2015, P.189).

Segundo Smith *apud* Damo (2015) a ignorância socrática é explicada do seguinte modo:

Sócrates se permite dizer (em 20d6-9) que ele tem algum tipo de sabedoria, que ele chama de “sabedoria humana”. Mas suas investigações sobre o significado do oráculo mostram-lhe que “A sabedoria humana tem pouco ou nenhum valor” (22^a6-7). O que seria de grande valor, se ele tivesse – nomeadamente a sabedoria para todos os humanos, como nós acabamos de ver, é o reconhecimento” (23b3-4). Ao contrário dos seres humanos “o Deus possui a sabedoria real” (23b3-4). (BRICKHOUSE AND SMITH, 1994, P.33).

A preocupação de Sócrates é, portanto, formar o homem diferenciado, capaz de torná-lo virtuoso pela autorreflexão da alma. E, se alma segundo Reale é o seu eu “consciente e inteligente”, conseqüentemente, o ser humano será capaz de encontrar a *eudemonia*¹⁰. Ainda, é necessário esclarecer que Sócrates não ignora a importância do conhecimento, porque ele mesmo o possui sobre várias técnicas. Entretanto, o conhecimento das virtudes é para ela, o mais sublime.

2.3 O conhecimento em Sócrates

O conhecimento é, para Sócrates, o único bem; e a ignorância, o único mal. Entretanto, Sócrates aponta outras passagens dos primeiros diálogos que parecem endossar a tese, segundo a qual, há bens intermediários. Em uma passagem da Apologia¹¹, o filósofo afirma que a virtude é a fonte da riqueza e de outros bens. Essa passagem pode ser compreendida como indicativa de que o conhecimento é, de fato, a fonte de todos os bens. Portanto, para Sócrates, o conhecimento não é propriamente um estado da alma, mas um processo, um movimento de busca constante.

¹⁰ *Eudaimonía* (He): felicidade. Latim: felicitas beatitude. Formado por daímon, espírito e eu / EU, bem, significa estado de contentamento estável no qual se encontra o espírito (MARITAIN, 1964, p.

¹¹ Cf. Platão, 1995, 30 b 2-4.

Neste sentido, para compreendermos o pensamento de Sócrates a respeito do conhecimento e da importância do saber na formação do ser humano, é necessário o entendimento da *paideia*:

[...] apresentar a formação do homem grego, a *Paideia*, no seu caráter particular e no seu desenvolvimento histórico. Não se trata de um conjunto de ideias abstratas, mas da própria história da Grécia na realidade concreta do seu destino vital. Contudo, essa história vivida já teria desaparecido há longo tempo se o homem grego não a tivesse criado na sua forma perene. Criou-se como expressão da altíssima vontade com que talhou o seu destino. [...] à medida que avançava no seu caminho, ia-se gravando na sua consciência, com clareza cada vez maior, a finalidade sempre presente em que a sua vida assentava: a formação de um elevado tipo de Homem. A ideia de educação representava para ele o sentido de todo o esforço humano. Era a justificação última da comunidade e individualidade humanas. O conhecimento próprio, a inteligência clara do Grego encontrava-se no topo do seu desenvolvimento. Não há qualquer razão para pensarmos que os entenderíamos melhor por algum gênero de consideração psicológica, histórica ou social. Mesmo os imponentes monumentos da Grécia arcaica são perfeitamente inteligíveis a essa luz, pois foram criados no mesmo espírito. E foi sob a forma de *Paideia*, de—cultural, que os Gregos consideraram a totalidade da sua obra criadora em relação aos outros povos da Antiguidade de que foram herdeiros. (JAEGER, 2018, P.5).

Segundo Santos (2014), os gregos davam uma atenção especial no que se diz respeito à formação do ser humano. Por este motivo, o cuidado especial com as questões culturais, sociais e espirituais. Neste sentido, Sócrates surgiu para o pensamento grego com o desejo de ajudar o cidadão grego a alcançar o nível intelectual superior, a formar sujeitos capazes de lutar por seu país, mesmo com sua vida em perigo devido as grandes guerras da época.

A formação dos atenienses estava literalmente ligado à prática de exercícios voltado para o corpo, como a ginástica, a poesia e a música. A democracia ateniense gerava muitos conflitos por causa do poder, por este motivo, havia a demanda de “[...] formar sujeitos capazes de persuadir o povo por meio de discursos retóricos” (HADOT, 2011, P. 16). Neste contexto nasce o grupo dos sofistas com o a missão de educar os cidadãos de modo especial os jovens.

Nas palavras de Santos (2011), enquanto a sociedade buscava os prazeres fornecidos por Atenas, como os jogos, os debates políticos, o teatro, a estética, os exercícios físicos. Afinal, a gozação, Sócrates está noutra nível, pois seu interessa era a *alma do indivíduo*. Ele observava os movimentos das pessoas correndo em busca de futilidades, coisas banais, observava a postura materialista, consumista e narcisista dos cidadãos gregos que fez com que Sócrates criticasse essa postura dos atenienses. Portanto,

a busca acentuada de nutrir a alma, fortalecer o espírito. Com afirma Jaeger¹², “o espírito é o órgão do qual o Homem apreende o mundo das coisas e se refere a ele”.

Como tarefa, Sócrates teria que tornar os indivíduos conscientes de sua própria ignorância para encontrar de fato o verdadeiro sentido do saber. Deste modo, como destaca Hadot;

A tarefa de Sócrates, que lhe foi confiada, diz a Defesa, pelo oráculo de Delfos, isto é, em última instância, pelo deus Apolo, será fazer que os outros homens tomassem consciência de seu próprio não saber, de sua não sabedoria. Para realizar essa missão, Sócrates agirá como quem nada sabe, isto é, com ingenuidade. É a famosa ironia socrática: a ignorância dissimulada, o ar cândido com o qual, por exemplo, ele investigou para saber se havia alguém mais sábio que ele. (HADOT, 2012, P. 51).

Deste modo, Sócrates buscou conscientizar os homens da sua própria ignorância, de seu próprio não saber, de seu não conhecimento. Cornford fala que Sócrates incentivava seus alunos a pensarem segundo seu *eu próprio*:

[...] era seu desejo saber tudo o que se passava em suas mentes e incentivá-los positivamente a pensar por si mesmos em todos os assuntos, particularmente quanto ao certo e ao errado, Sócrates sempre afirmava, com manifesta candura, que ele próprio era questionador, que nada sabia e nada tinha a ensinar, mas via toda questão como uma questão em aberto. E, por trás da inteligência cheia de humor, eles sentiam a presença de uma personalidade extraordinária, calma, segura e de posse de uma misteriosa sabedoria. Diante deles estava um homem que descobrira o segredo da vida e conseguira um equilíbrio e uma harmonia de caráter que nada conseguia perturbar. (CORNFORD, 2007, P. 40).

No entanto, Sócrates buscava no seu interior um novo saber, um novo método de aprendizagem cujo objetivo era fazer com que o processo de aprendizagem fosse algo internalizado do indivíduo. O “[...] propósito final de sua missão aqui na terra era justamente levar o sujeito à virtude, isto é, à nobreza da alma”¹³

No Diálogo de Protágoras, Sócrates faz a seguinte pergunta: “concorda o sofista com a maioria, para quem há prazeres que são males e há dores que são bens?” (Platão, 1990, 351c-d). Primeiro, Protágoras diz concordar com a maioria (Platão, 1990, 351 d) e Sócrates introduz o que parece ser o cerne do argumento como um todo:

A opinião geralmente aceita é algo deste tipo: que (o conhecimento) não é forte nem capaz de guiar nem de governar [...] as pessoas pensam que, embora um homem tenha conhecimento, ele não é governado pelo conhecimento, mas por algo mais, ora pela paixão, ora pelo prazer, ora pela dor, ora pelo amor, e

¹² JAEGER, op. Cit., p.345.

¹³ HADOT, Pierre, O que é a filosofia antiga?, p. 31.

frequentemente pelo medo; consideram o conhecimento como um prisioneiro, que pode ser arrastado de lá para cá (Platão, 1990, 352 b-c).

Desta maneira, o interesse fundamental de Sócrates no argumento em questão é provar que o conhecimento (*episteme*) – outro nome que o filósofo dá para a sabedoria (*sophia*), da qual trata no argumento do *Eutidemo*, – “é algo nobre e capaz de governar o homem, e quem quer que aprenda o que é o bem e o que é o mal nunca será levado a agir por qualquer outra coisa senão como o conhecimento lhe ordena” (PLATÃO, 1990, 352 c).

Sócrates não tinha como objeto dizer o que vinha a ser a sabedoria, mas, diante de seu *não saber*, ele perguntava aos seus interlocutores na esperança de fazê-los, por si mesmos, conceberem as respostas exatas que desejavam alcançar. Essas respostas eram respostas vindas da alma, as quais eles consideravam ser a natureza humana. Segundo Hadot (2011), essas respostas eram uma verdade presente na alma e cabia ao interlocutor descobri-la. Dessa forma, o conhecimento consistiria na tentativa de absolvição filosófica de um fundamento da vida moral que se encontra na essência do próprio homem.

Para Sócrates, como salienta Hadot (2011), “o homem é a sua alma”. E por *alma*, ele compreendia a consciência, a personalidade intelectual e moral, ou seja, a competência de captar e atingir um certo objetivo. “Conhecer a si mesmo” quer dizer, portanto, identificar, de forma concisa, a veracidade de conteúdo apresentado. Se o homem é sua alma, ela, então, atua como virtude, o que cura a alma, fazendo com que ela se realize da melhor maneira possível. Com isso, a virtude será essencialmente potencializada e determinada como conhecimento porque ela é atividade cognoscitiva.

Para Sócrates, o saber não vem da dimensão externa do homem, mas de sua interioridade ao se autoquestionar. Todavia, cometeram-se muitos conflitos errôneos em relação ao “não saber” socrático. Efetivamente, ele cogitava ser uma afirmação de ruptura em relação ao saber dos Sofistas, que ensinavam de maneira remunerada e tinham seus preceptores, além de ensinarem diversas formas de conhecimento. Além disso, o significado do não-saber socrático pode também ser apreciado mais precisamente se, além de conferir semelhança com o saber dos homens, nos relacionarmos com o saber de Deus. Para Sócrates, Deus é onisciente, e seu conhecimento estende-se do universo ao homem, sem qualquer espécie de restrição.

Hadot (2012) destaca que Sócrates era um eterno questionador e, por esse meio, levava seus interlocutores, por hábeis interrogações, a reconhecer a ignorância deles. Ele os enchia, assim, de uma perturbação que os levava, eventualmente, a colocar em questão toda a sua vida. Trata-se de fazer o leitor sentir seu erro, não o refutando diretamente, mas expondo a ele de tal modo que sua absurdidade lhe apareça claramente. Kierkegaard chamava este método socrático de método de comunicação indireta (HADOT, 2012).

Desta maneira, Sócrates sugere uma nova proposta filosófica, cuja finalidade era fazer com que os seres humanos repensem, a partir de sua essência ou consciência, sobre aquilo que era possivelmente virtuoso e que proporcionava a *eudaimonia* (felicidade) por meio da razão. Sócrates, no seu exercício de instrutor, além da prática, exigia de seus seguidores, clareza teórica e aptidão para executar as funções, sejam ela quais fossem.

Mais até, com os amigos mais chegados, a sua atitude era esta: no que de facto já estava destinado, aconselhava-os a agir do modo que acreditassem ser o melhor; agora, tratando-se de coisas cujo resultado fosse incerto, enviava-os a consultar os oráculos para saberem de que modo agir. E dizia ele que os que pretendiam gerir correctamente casas e cidades necessitavam de adivinhação, porque todos esses saberes, o de ser carpinteiro, ferreiro, agricultor, governante de homens, perito nestes ofícios, contabilista, administrador, estratega, podiam – pensava ele – ser adquiridos pela inteligência humana (XENOFONTE, 2010, I, 6-7).

Sócrates, em sua forma de ensinar, desdobra-se: há de um lado o Sócrates que sabe de antemão como vai determinar a discursão, mas há, do outro lado, o Sócrates que vai percorrer o caminho da dialética com seu interlocutor. Está aí a ironia. Esse é o sentido profundo da maiêutica socrática. Sabemos que no *Teeteto*¹⁴, Sócrates conta que tem a mesma profissão de sua mãe. Ela era parteira e assistia aos nascimentos corporais. Ele é parteiro de espíritos: assiste-os em seu nascimento. Ele mesmo a nada dá existência, pois nada sabe; somente ajuda os outros a engendrem a si próprios (HADOT, 2012).

A maiêutica socrática inverte, totalmente, as relações entre mestre e discípulos. Como bem observou Kierkegaard, “ser mestre não é martelar informações, nem dar lições para aprender etc.; ser mestre é verdadeiramente ser discípulo. O ensino começa quando tu, mestre, tu aprendes como o discípulo, quando tu te instalas naquilo que ele compreendeu, na maneira como ele compreendeu” (KIERKEGAARD, 1986, p. 28 *apud* HADOT, 2012,

¹⁴ O *Teeteto* (em grego, *Θεαίτητος*; transl. *Theaitētos*) é um diálogo platônico sobre a natureza do conhecimento, escrito em 369 a.C.

p. 21). O discípulo é a ocasião para o mestre se autocompreender; o mestre é a ocasião para o discípulo se autocompreender (HADOT, 2012). Dessa forma, a atuação de Sócrates na vida pública da *polis* (cidade) leva a construir um tipo de filosofia que, por meio de habilidades argumentativas e especulativas, colocava em relevo o conhecimento de si mesmo como condição para agir bem e garantir os meios para assegurar o florescimento do ser humano, educando-o. Para ele, a virtude é o conhecimento seguro, a excelência humana. A *areté*, portanto, promove a descoberta do conhecimento verdadeiro que a alma humana deve ser em função de sua essência.

2.4 A natureza da *areté* (virtude) em Sócrates

O termo que designa virtude é *areté*¹⁵. Jaeger (1997) afirma que a formação do homem ateniense está relacionada com a sua conduta e comportamento externo numa ação interna. “A *areté* tem um significado amplo, pois não se refere somente à excelência humana, mas também aos seres humanos” (JAEGER, 1997, p. 501).

Nos tempos primitivos *areté* “[...] estava ligado à força e a destreza dos guerreiros e lutadores, enfim, ao seu heroísmo” (JAEGER, 1997, p. 504). O que Sócrates

¹⁵ *Areté*: virtude. Latim: virtus. Esse termo, como em latim virtus, possui duplo sentido: físico e moral. Por isso, para certos etimologistas, deriva de ares que, quando nome próprio, designa o deus da guerra (o Marte dos latinos) e, quando substantivo comum, significa combate e coragem. Valente, valoroso, mas também árden: varão, viril, donde forte, corajoso; e, provavelmente, comandar, deter o poder; e aro: semear, fecundar (donde: instrumentos aratórios). A virtude, portanto, no sentido moral é força da alma tendente ao bem. Como ressaltou Aristóteles, a virtude não é uma sequência ou uma repetição de atos, embora a ação seja a marca de um sujeito moral. Ela é —uma disposição adquirida voluntariamente (Ét. Nic. 11 VI, 15). Entenda-se com isso que, por um lado, em sendo adquirida, ela não é fruto de boas disposições naturais, mas de um esforço; e, em sendo disposição, é o estado de um sujeito continuamente disposto a agir moralmente. Os jônios não estavam preocupados com o tema da virtude, que, ao contrário, é muito desenvolvido nos pitagóricos. Segundo Pitágoras, ela é harmonia da alma, tal como a saúde é harmonia do corpo. Xenofonte nos mostra Sócrates incentivando os discípulos a praticar a virtude (Mem., I, VII, 1), mais pelo seu exemplo do que por seu ensinamento (ibid., 1,11,3). Platão apresenta, inicialmente, em Mênon (97b-100b), uma virtude de tipo socrático praticada no mundo sensível, por meio da ação, inspirada por um favor divino e definida como opinião verdadeira (v. dóxa); depois, na República (IV, 429e-441c), ele distingue três espécies de virtude em função, ao mesmo tempo, das potências da alma e das classes sociais; o seja, há três potências da alma: a concupiscência, que tem sede no ventre e preside a vida vegetativa; o coração, que tem sede no peito e preside a vida afetiva (poder-se-ia chamar essa tendência de —impulso espontâneo para os valores); por fim, a razão, que tem sede na cabeça e preside a vida intelectual. A harmonia da alma e a da sociedade precisa de três virtudes, ao mesmo tempo específicas e hierarquizadas: - temperança, que regula a concupiscência e é própria da gente do povo; - coragem, que regula o coração e é própria dos guerreiros; - sabedoria, que regula a razão e é própria dos governantes. Uma quarta virtude, a justiça é necessária à alma inteira e às três classes, pois é ela que garante a harmonia no indivíduo e na pólis. Essas quatro virtudes platônicas costumam ser chamadas —virtudes cardeais. Encontram-se vários esboços delas antes da República; no Protágoras (349b): justiça, sabedoria, santidade e coragem são quatro aspectos de uma virtude única, às quais se soma, adiante, a temperança (361 b); em Fédon, aparecem dois trios: coragem, sabedoria e justiça (67b) e temperança, justiça e coragem (68b-e). GOBRY, Ivan. Vocabulário grego da filosofia. Tradução: Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p. 25) *Apud Santos* (2014).

compreende por *areté* se afasta daquilo que já vimos anteriormente, pois se fundamenta numa perspectiva de interiorização do ser humano. Ele trata de *areté* num sentido de “ciência ou conhecimento” (REALE, 2007, p. 192). Reale apresenta, de forma concisa, o que significa a virtude no contexto ateniense:

[...] a superioridade de Sócrates sobre os sofistas consistia, sobretudo nisso: tendo compreendido que o homem se distingue de qualquer outra coisa pela sua alma, Sócrates pôde também determinar em que consiste a *areté* humana: ela não pode ser senão o que permite à alma ser boa, isto é, ser aquilo que pela sua natureza ela deve ser. Assim, cultivar a *areté* significará tornar a alma ótima, realizar plenamente o eu espiritual, alcançar o fim próprio do homem interior e, com isso, também a felicidade. Mas que é a virtude? A resposta de Sócrates é bem conhecida: a virtude [cada uma e todas as virtudes] é ciência ou conhecimento, e o contrário da virtude, isto é, o vício [...], é privação de ciência e de conhecimento, vale dizer, ignorância. (REALE, 2007, P. 192).

A virtude para Sócrates é causa da felicidade humana. Na Apologia (PLATÃO, 1995, 28 b 5- 9), em que Sócrates afirma que a ação virtuosa deve ser sempre preferida, ele o faz não supondo que a virtude seja um fim em si, mas que a virtude é desejada em prol da felicidade, já que viver bem é o mesmo que viver de modo justo, isto é, virtuoso, como é dito no Criton (PLATÃO, 1995, 48 b 4- 10).

A virtude, portanto, tem um valor grandioso para Sócrates, pois é conhecimento que está enraizado na alma humana e, neste sentido se “[...] fundamenta a transformação operada pelo pensador ateniense, porque os valores fundamentais gregos até àquele momento privilegiavam o corpo, por exemplo, a vida, a saúde, o vigor físico, a beleza; os ligados aos aspectos externos do homem, como a riqueza, o poder, a fama”.

[...] fundamenta a transformação operada pelo pensador ateniense, porque os valores fundamentais gregos até àquele momento privilegiavam o corpo, por exemplo, a vida, a saúde, o vigor físico, a beleza; os ligados aos aspectos externos do homem, como a riqueza, o poder, a fama. (REALE, 2007, p. 499).

Desse modo, Sócrates foi revolucionário, pois mudou o eixo dos estudos que era voltado para a natureza e o fez focar na interioridade do ser humano. Com isso, muda-se o conceito de *areté* e passa a participar da essência do homem, isto é, a alma. Assim sendo, Santos (2014) afirma que, conseqüentemente, depois dessas mudanças, surgiu uma transformação inevitável na vida dos gregos, pois as virtudes, tão desejadas pelos atenienses – como a coragem, agilidade e o heroísmo – eram, para Sócrates, “valores de segundo plano, visto os valores interiores da alma” (SANTOS, 2014, p. 25).

O sentido de virtude para Sócrates diz respeito à aptidão de cumprir-se uma determinada atividade da alma (LAURENTIIS, 2013). Assim como os órgãos de um

corpo. Vejamos, por exemplo, a boca, que tem função de falar. Portanto, a possibilidade de falar é a *virtude* da boca. Consequentemente, a alma tem suas próprias funções. A virtude, neste sentido, tem a competência de executar com exatidão a conduta do ser humano. Desse modo, para Sócrates, sua metodologia tinha como objetivo motivar e incentivar os indivíduos a buscarem o conhecimento da virtude (*areté*). Com isso, na Apologia (31b), ele apresenta a importância do discurso que era persuadir os homens a cuidarem da *areté*:

Podeis reconhecer que sou um homem bom, um homem dado pelo deus à cidade por esta reflexão: não é conforme à natureza do homem que eu tenho negligenciado todos os meus interesses, sofrendo a anos, as consequências desse abandono do que é meu, para me ocupar do que diz respeito a vós, dirigindo-me sem cessar a cada um em particular, como um pai ou um irmão mais velho, para persuadir a cuidar da virtude. (PLATÃO, 1972, *Apud* DOMINGOS, 2015, P. 16)

A metodologia persuasiva de Sócrates não é meramente um exercício de ensinar, mas uma atividade do raciocínio que consiste em ajudar os homens a encontrarem o conhecimento da virtude como fundamento de sua vida. Desta maneira, só assim, os seres humanos poderão encontrar a liberdade e a autonomia. Na Apologia (Platão, 1995, 30 c 6- d 5, 41 c 8- d 2), no Criton (Platão, 1995, 48 b 8- 9) e no Carmides (Platão, 2002, 173 d 3- 5; 174 b 11- c 3.), a virtude determina que o homem sábio sacrifica outros bens, se isso for preciso, para se manter virtuoso e, por consequência, feliz:

Sócrates interpreta seu pressuposto a partir de seu ponto de vista eudaimonista. Em sua visão, a ação racional almeja a felicidade do próprio agente, e agentes bem-informados têm crenças verdadeiras sobre o que contribui para sua própria felicidade. Já que pessoas virtuosas que sacrificam outros bens pela virtude estão tomando a decisão certa e não são enganados pela ignorância, nós devemos, de acordo com Sócrates, concordar que elas estão fazendo o que é o melhor para si mesmas. Segue-se que as pessoas virtuosas devem crer corretamente que sua ação virtuosa promove sua própria felicidade melhor que o faria qualquer outra ação (IRWIN, 1995, p. 59 *apud* DINUCCI, 2009, P. 257).

A figura socrática tem como sua característica ser referência para os homens na maneira de se comportar, no que diz respeito às coisas da cidade e como proceder acerca delas. Sócrates sempre buscou empenhar-se ao máximo em ser um bom cidadão, dedicando-se ao cumprimento das leis, dos cultos religiosos prestados aos deuses, como também, na prática do bem.

E independentemente do aspecto da reputação, senhores, não julgo certo suplicar ao juiz ou obter a absolvição implorando-a. Nossa obrigação é informá-lo e convencê-lo. De fato, o juiz não está aqui para conceder favores no que

tange a matérias de justiça, mas para pronunciar a sentença; [...]. A conclusão é que não devemos induzir-vos ao hábito de violar vossos julgamentos, nem deveis vós mergulhar nesse hábito, com o que nenhum de nós estaria agindo sem incorrer na impiedade [...]. É patente que se graças a minha persuasão e súplica eu vos constrangesse a falar aos vossos juramentos, estaria vos ensinando a desacreditar na existência dos deuses e, realizando minha defesa, estaria acusando a mim mesmo de neles não acreditar. Entretanto, muito dista isso da verdade, pois realmente neles acredito, homens de Atenas, mais do que qualquer um de meus acusadores e, assim, confio meu caso a vós, e ao deus para decidi-lo conforme seja o melhor para mim e para vós. (Apologia de Sócrates, 35b-c *apud* PIRES, 2015, p. 21).

A grande problemática socrática é entender se a virtude pode ser ensinada e como o conhecimento é capaz de formar o ser humano. Sócrates enxerga no seu período a importância da relação autêntica entre os indivíduos na construção e edificação de uma vida cívica em função de um bem comum. Uma das características encontradas neste filósofo é a de não considerar apenas as atividades exercidas na cidade como o bom exercício de um cidadão, visto que, para ele, os atos de um cidadão vão muito mais além.

O homem bom na visão socrática não é aquele que se resume apenas em ação, como o bom cumprimento das leis, ou, então, aquele que, ao desempenhar o seu trabalho, o faz de maneira correta. A concepção do homem bom vai ainda além do bom relacionamento com os demais homens, de tratar os amigos de maneira agradável, de pagar devidamente suas dívidas, de prestar as devidas honras aos deuses. A grande característica, para Sócrates, que se manifesta como o comportamento correto de um cidadão (homem bom) é a busca que esse faz da excelência que é tida como a “bondade em si”.

Embora levasse uma vida se dedicando aos cumprimentos das atividades relativas à cidade, Sócrates foi condenado à morte. Durante esse tempo, ele bem poderia fugir, mas, como bom cidadão, ele resolve ir às últimas consequências para se manter fiel ao cumprimento da ordem da cidade pela qual ele prezava. Como destaca Pires (2015), a partir de Casertano (2014), buscar a excelência só é possível por meio da alma, pois é a alma, como é apontado no Fédon, que se pode aproximar daquilo que é imutável. Tal busca exige do homem uma tentativa de se afastar das coisas consideradas pertencentes ao mundo sensível e a aproximar-se ao máximo do sumo bem, presente no mundo intelectual

[...] nenhuma verdade há naquilo que vê graças a outros meios, variáveis em função da variedade dos objetos em que aparece, uma vez que todas as coisas desse tipo são visíveis e apreendidas pelos sentidos, ao passo que somente a

própria alma vê aquilo que é invisível e aprendido pela inteligência. Ora, a alma do verdadeiro filósofo crê que não deve opor-se a essa libertação, [...] (Fédon, 83b *apud* PIRES, 2015, p. 24).

Para Sócrates, a virtude está agregada ao saber e no fato de que o máximo que o ser humano almeja como propósito de vida é se tornar uma pessoa íntegra. A virtude segue três dimensões, a saber: primeiramente ser bom em alguma coisa, alcançar a excelência na ação e na bondade moral. Uma vez que o sujeito se aproxima da excelência e da bondade, ele se torna cada vez mais perfeito. Consequentemente, podemos perceber que quem busca a virtude é alguém que deseja alcançar a excelência e o bem comum, conforme destaca Teixeira (1986) acerca de Platão e Protágoras:

Se a ideia grega de virtude é a da excelência da coisa, quando essa coisa é o homem, então a virtude significa a excelência do cidadão, seu esforço para torna-se o melhor possível e atingir o ideal do homem verdadeiramente homem. (PLATÃO, PROTÁGORAS, 1986, p. 18 *apud* VIEIRA, on-line, s.p.)¹⁶

Segundo Sócrates, os indivíduos buscavam o bem e tinham total interesse em desempenhá-lo, visto que o bem conduziria ao destino máximo do ser humano, que é a *Eudaimonia* (felicidade). A origem desse percurso está embasada no conhecimento, pois acredita-se que os conhecedores e dedicados ao saber não praticavam ações errôneas. Contrariamente, quanto mais buscavam o conhecimento, mais agiam virtuosamente. Acredita-se que, quanto mais sábias as pessoas são, mais fácil será de o sujeito atingir suas metas, pois uma pessoa virtuosa é uma pessoa feliz.

Portanto, para Sócrates, a felicidade é gradativamente conquistada por meio do filosofar. Deste modo, virtude e felicidade, para ele, têm uma relação de identidade, pois, por meio da virtude, o homem age de modo bom e correto e, por conseguinte, é feliz. Com isso, a virtude é a felicidade para o homem e, sua ausência, a infelicidade.

2.5 O método dialético de Sócrates e sua finalidade

Segundo Santos (2015), a *psyche* possui vários sentidos que variam desde Homero até Sócrates, quando então ela adquire um novo significado capaz de realizar uma transformação na vida humana. A partir de Sócrates, surge uma nova concepção da composição do homem e, com isso, o filósofo define que o ser humano é composto por corpo (*soma*) e alma (*psyche*).

¹⁶ Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/50069/reflexoes-sobre-a-virtude-de-socrates>. Acesso: 27 de setembro de 2022.

Como destaca Santos (2015), a primeira ação tomada por Sócrates, com a sua descoberta, foi justamente afirmar que o ser humano carecia de se apropriar de um conhecimento jamais ensinado até então: *conhecer a si mesmo*. Ele queria que os indivíduos se conhecessem interiormente. Por essa razão, Sócrates vê a necessidade de se criar um método que fosse capaz de fazer com que o interlocutor apreendesse o conteúdo ensinado.

Neste sentido, o filósofo começava a revelar os mistérios do interior humano por intermédio da alma (*psyche*) e da autorreflexão. Reale (2007) define que *psyche*¹⁷ segundo os poemas homéricos. Neles, o corpo era compreendido como a prisão da alma. Além disso, os órficos tinham a alma como um demônio. Não obstante, Sócrates, segundo Reale (2007), define o homem como sendo a sua própria alma, uma vez que ela distingue os seres humanos. Essa ideia fica clara no diálogo de Platão e Alcibíades:

Sócrates: Uma coisa, portanto, é o homem, outra o seu corpo.
 Alcibíades: Parece que sim.
 Sócrates: Que é, pois, o homem?
 Alcibíades: Não sei dizer.
 Sócrates: Isso, porém, podes dizer que ele é o que se serve do corpo.
 Alcibíades: Sim.
 Sócrates: E o que é o que se serve do corpo senão a alma?
 Alcibíades: Não é outra coisa [...].
 Sócrates: A alma, portanto, nos ordena conhecer quem nos admoesta: “Conhece a ti mesmo?”.

(PLATÃO, 2007, p. 129-130 *apud* SANTOS, 2014, p. 35)

Neste sentido, o ser humano encontra dentro de si sua própria essência, isto é, a sua alma. Com isso, “A alma é o elemento mais participante junto ao ser divino e que possui o domínio de si” (REALE, 2007, p. 92). A contribuição que fica é a mudança que Sócrates faz na vida dos seus interlocutores e o desejo de garantir que eles consigam olhar para dentro de si e encontrar respostas para as questões do dia a dia.

O método de Sócrates era desenvolvido por meio do discurso com seus interlocutores. Ele dividia esse método em duas partes: Ironia e Maiêutica. “Para

¹⁷ A história do conceito de *psyché* antes de Sócrates e à revolução operada por ele dedicou um documentadíssimo volume [...]. Segundo os estudos do aluno de Reale, Sarri, na primeira parte, que o termo *psyché*, em Homero, permanece até mesmo excluído do âmbito da terminologia propriamente psicológica; que nos órficos, *psyché* indica o demônio indivíduo, não a consciência (o homem continua a pensar com o corpo); nos naturalistas, a alma-princípio inclui (pelo menos em Heráclito e em Diógenes de Apolônia) a inteligência, mas em dimensão cósmica e não pessoal; nos poetas, *psyché* entra no âmbito da terminologia psicológica, primeiro indicando o eu emotivo, depois, rapsodicamente, também o eu racional, mas isso acontece já em época socrática (ou seja, nos últimos anos do século V A.C.). A documentação de Sarri é muito mais completa do que a que foi fornecida pelos precedentes (SARRI *apud* REALE, 2009, p. 92).

interpretá-lo corretamente é preciso que nos remetamos ao novo conceito de *psyché*: A alma e o cuidado da alma” (REALE, 2009, 138). Desta forma, entenderemos a dialética socrática e sua finalidade. No entanto, se levarmos em conta seu método e o aplicarmos com essa finalidade, observaremos que sua metodologia marcou a diferenciação quanto ao método dos sofistas, que era voltado para o problema do homem, mas que não tinha nenhum comprometimento com o que Sócrates pensava. Afinal, o propósito deste filósofo era cuidar da alma humana, tendo em vista seu compromisso com os deuses de Delfos.

Sócrates não tinha pretensões particulares. Ele queria apenas servir puramente aos deuses (*Apologia 35c*): “Mas, repito, faço por uma determinação divina, vinda não só através do oráculo, mas também de sonhos e de todas as vias pelas quais o homem recebe ordens dos deuses”. Ele não se considerava mestre ou sábio para se exaltar. A este respeito, na hora do seu ajuizamento, ele declara:

Eu nunca fui mestre de ninguém, conquanto nunca me opusesse a moço ou velho que me quisesse ouvir no desempenho de minha tarefa. Tão pouco falo se me pagam, e se não me pagam, não; estou igualmente à disposição do pobre, para que me interroge ou, se preferirem ser interrogados, para que ouçam o que digo. Se alguns deles vira honesto ou não, não é justo que eu responda pelo que jamais prometi nem ensinei a ninguém. (PLATÃO, na *Apologia (33b) apud DOMINGOS, 2015, p. 17*)

Segundo destaca Damo (2015), Sócrates define dois tipos de conhecimento. O primeiro é o conhecimento a que os seres humanos têm acesso, que não tem muito valor. O segundo conhecimento é o conhecimento que os deuses possuem e que, para ele, é o único conhecimento verdadeiro. Com isso, o conhecimento que os indivíduos possuem é um conhecimento que não é capaz de tonar o ser humano sábio e, por isso, Sócrates diz não ser, ele também, um ser humano sábio. Mesmo que Sócrates possuísse um vasto conteúdo, ele reconhece que nada sabia perto dos deuses. E esse conhecimento dos deuses é que, para ele, tornaria alguém sábio.

A ironia é a marca própria da dialética socrática, não apenas da perspectiva formal, bem como do ponto de vista substancial. Em geral, ironia significa “simulação”¹⁸. A ironia socrática é caracterizada como o *não saber*. Deste modo, é como se Sócrates usasse uma fantasia para fazer com que os seus interlocutores se despertassem para a realidade. Ele não usa essa técnica para ridicularizar sua teoria, mas a fim de conscientizar os homens da importância de refletir. Por isso, Sócrates os interrogava para que seus

¹⁸ REALE E ANTISERI. História da filosofia: Antiguidade e Idade Média. São Paulo. Ed. Paulus, 1990. P.97.

interlocutores tomassem consciência de que, o que eles pensavam saber, na verdade, eles não sabiam.

Domingos explica (2015):

Mas com que objetivo Sócrates fazia tudo isso? De início, ele tinha por meta principal demolir, em todos aqueles que se deixassem investigar, o orgulho, a presunção e a arrogância por pensar saber mais que os outros. Para Sócrates, a primeira virtude do sábio, seria adquirir consciência da sua ignorância. Por isso mesmo ele dizia: “só sei que nada sei”. (Domingos, 2015, p. 18).

Nesse sentido, Sócrates parecia contraditório quanto àquilo que pensava ou conhecia. Deste modo, ele levava seus interlocutores a apresentar suas oposições sobre certos discursos. Com isso, Sócrates fazia com que seus discípulos, que de certo modo estavam confiantes de seus argumentos, entrassem em contradições, reconhecendo sua própria ignorância.

Com isso, Sócrates, através da metodologia irônica, permitia que seus interlocutores fizessem uma revisão completa de seus discursos mal fundamentados e vazios, transformando num novo modo de pensar a realidade, a partir da possibilidade do interlocutor, por si só, encontrar o conhecimento verdadeiro das coisas. Sócrates não queria desconsiderar as respostas dadas por seus interlocutores, ele desejava apenas que eles tomassem consciência de suas respostas e alcançassem a excelência.

“A refutação” socrática, segundo Reale e Antiseri (2002), em certo sentido, constituía a *pars destruens* do método, ou seja, o momento em que Sócrates leva seus interlocutores a reconhecerem sua ignorância:

[...] Primeiro ele forçava uma definição do assunto sobre o qual centrava-se a investigação; depois, escapava de vários modos a definição fornecida, explicitava e destacava as carências e contradições que implicava; então, exortava o interlocutor a tentar uma nova definição, criticando-a e refutando-a com o mesmo procedimento; e assim continuava procedendo, até o momento em que o interlocutor se declarava ignorante. (REALE E ANTISERI, 2002, P. 98).

A refutação como afirmam Reale e Antiseri (2002), provoca o efeito de purificação das falsas certezas, isto é, tem como propósito a purificação da ignorância, a tal ponto que Platão falava a esse respeito: “[...] por todas essas coisas, [...] devemos afirmar que a refutação é maior e a mais fundamental purificação. (REALE, ANTISERI, 2002, p. 98-99).

E, assim, chegamos ao segundo vícios do método de Sócrates, a maiêutica. Para Sócrates como destaca Reale e Antiseri (2002), a alma só poder chegar à verdade “se dela estiver grávida”. Entretanto, como vimos anteriormente, Sócrates se considerava ignorante e, portanto, contestava estar apto para transmitir o saber a outras pessoas.

Como destaca Reale e Antiseri (2002) sobre o que Platão descreve acerca da maiêutica:

“Ora, em todo o resto, a minha arte obstétrica se assemelha à das parteiras, mas difere em uma coisa: ela opera nos homens e não nas mulheres e assiste as almas parturientes e não os corpos. E minha maior capacidade é que, através dela, eu consiga discernir seguramente se a alma do jovem está parindo fantasmas e mentiras ou alguma coisa vital e real. Pois algo eu tenho em comum com as parteiras: também eu sou estéril (...) da sabedoria. [...] E a razão é exatamente esta: Deus me leva a agir como obstetra, mas me interdita de gerar. Em mim mesmo, portanto, eu não sou nada sábio, nem de mim saiu qualquer descoberta sábia que seja geração de minha alma. [...] E está claro que não aprenderam nada de mim, mas só de si mesmos encontraram e geraram muitas e belas coisas. Mas o fato de tê-los ajudado a gerar, esse mérito sim cabe a Deus e a mim”. (PLATÃO *apud* REALE E ANTISER, 2002. P. 99).

Deste modo, o modelo socrático está completo. Nele, o conhecimento e a virtude estão à disposição para tornar o ser humano capaz de alcançar a excelência em função da felicidade. Por fim, deve-se destacar o trabalho imensurável da autorreflexão socrática como centro de sua discussão filosófica.

CONCLUSÃO

Foi discutida ao longo deste trabalho a ideia de conhecimento como virtude humana em Sócrates. Apresentamos como os Sofistas, ao longo da história, pensaram a respeito do conhecimento e da virtude e, como Sócrates se opôs ao fenômeno das sofistas, apresentando um novo método que, através da distinção entre os dois tipos de conhecimento, pode conduzir o ser humano a uma vida sábia. Sócrates afirmava nada saber porque ele acreditava que o conhecimento possuído por ele e pelos demais seres humanos era um conhecimento, por si só, incapaz de tornar os sujeitos sábios.

Segundo Domingos (1994), Sócrates acreditava que o verdadeiro conhecimento, o conhecimento advindo das virtudes, é capaz de tornar alguém sábio. Este era o conhecimento a que os deuses tinham acesso. Portanto, quando o filósofo afirmava nada saber, na verdade, não existia inocência nenhuma em seu pensamento.

Para Sócrates, o melhor modo de o ser humano ser virtuoso e alcançar a excelência seria através da sua razão e do seu conhecimento, e não propriamente buscando riquezas materiais como faziam os Sofistas, que desviavam o homem do caminho da virtude. A virtude, portanto, é o bem mais inegociável e mais importante na vida do ser humano para Sócrates.

Podemos dizer que o pensamento Socrático foi fundamental em todo o avanço da filosofia, porque houve uma mudança de foco no questionamento filosófico. O homem e seu comportamento passam a tornar-se objeto de sua investigação. Além disso, Sócrates teve uma grande importância no âmbito da política, ética e do conhecimento humano.

Este trabalho encerra-se, de certo modo, refletindo sobre o fato de que o intelecto distingue o ser humano dos outros “seres” e guia-o, ainda, para a relação transcendental com o absoluto. O movimento, no entanto, não é de uma autossuficiência humana, mas de uma atividade que ilumina o querer, o ter e o saber, característicos da humanidade, reunindo-os sob um princípio – a virtude –, que, sendo manifesta por ele, pode constituir-se como noção distintiva deste.

Neste sentido, como demonstra Reale e Antiseri (2002), é verídico que o saber socrático não é vazio, como pretenderam alguns, dado que ele tem por objeto a *psyche* e o cuidado para com ela. De fato, para se cuidar da *psyche*, simplesmente é necessário o despojamento das ilusões do saber e é necessário levá-la ao reconhecimento do não saber.

Logo, como, vimos, o *logos* socrático não está em condições para parir qualquer alma, mas as almas “grávidas”. Trata-se de identificar na alma a essência do homem; no conhecimento, a verdadeira virtude. No autodomínio e na liberdade interior, Sócrates buscava levar seus interlocutores a autonomia.

Por fim, concluímos que o pensamento de Sócrates e de seu método para a busca pelo conhecimento tem grandes contribuições em seu desejo de orientar o ser humano a uma humildade em seu processo de conhecer, de modo que este seja guiado, em seus questionamentos internos, a uma vida virtuosa.

REFERÊNCIAS

- AZAR FILHO, C.M. “Montaigne e Sócrates: cepticismo, conhecimento e virtude”, in Revista Portuguesa de Filosofia, v. 58, n. 4, p. 829-845, ou. /dez. 2002.
- BORDIN E PEREIRA MELO. A filósofa de Sócrates enquanto ação pedagógica. Anais da Jornada de 2012.
- CHAUÍ, Marilene. Introdução à história da filosofia. Volume 1. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2003.
- CORNFORD, F. Antes e depois de Sócrates. SP: Martins Fontes, 2001.
- CURADO, E.B. O movimento da sofística e o ensino da areté. UFG, 2010.
- DAMO, C. O paradoxo socrático: a ideia de saber que nada se sabe. Revista de filosofia. V. 12, n2, dezembro, 2015.
- DE LAURENTIIS, L. C. Virtude e razão no pensamento de Sócrates: uma análise dos diálogos da juventude. Revista Opinião Filosófica, Porto Alegre, V. 04: Nº. 01, 2013.
- DINUCCI, A. L. A relação entre virtude e felicidade em Sócrates. Filosofia Unisinos, São Leopoldo, v. 10, n. 3, p. 254-264, set./dez. 2009.
- DOMINGOS, S.A. Sócrates e a sua pedagogia. UFF, 2015.
- ERRICO, C. (2014). *Presunzione e modestia: Ovvero Protagora e Socrate*. Napoli, IT: Diogene Edizioni.
- HADOT, P. Elogio de Sócrates. Tradução Loraine Oliveira, Flávio Fontenelle loque. São Paulo, edições Loyola, 2012.
- HADOT, P. O que é a filosofia antiga?. São Paulo: edições Loyola, 2010.
- IRWIN, T. 1995. Plato's Ethics. New York, Garland, 536 p.
- JAEGER, W. *Aristóteles: bases para la historia de su desarrollo intelectual*. Tradução de José Gaos. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.
- JAEGER, W. *PAIDÉIA: A formação do homem grego*; tradução Artur M. Parreira. Ed. 6ª. São Paulo, 2013.
- JUNIOR, R. M. D. O movimento sofista e a crítica ideológica do direito natural. UECE, Fortaleza, 2007.
- PIRES, E. DA S. A morte de Sócrates como uma nova maneira de pensar e viver na Grécia antiga. FAPCOM, São Paulo, 2015.
- PLATÃO. A defesa de Sócrates. 4ª ed. São Paulo: Nova Cultura, 1987, (os pensadores).
- PLATÃO. Ditos e feitos memoráveis de Sócrates. Coleção os pensadores. São Paulo. Ed. Nova cultura, 1996.

Platão. Os pensadores, Volume II, Defesa de Sócrates. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Ed. Abril, 1972.

REALE E ANTISERI. História da filosofia Antiga: Antiguidade e Idade média. Ed. Paulus, 2002.

REALE, Giovanni. Platão, São Paulo: ed. Paulus, 1990.

RÖD, Wolfgang. O caminho da filosofia. Tradução; Ivo Martinazzo. Brasília. Ed. Universidade de Brasília, 2004.

SANTOS, R. M. A virtude socrática como fundamento de uma ética do cuidado de si. PUCRS, 2014.

VASCONCELOS, Arnaldo. Direito, humanismo e democracia. 2ª ed. Revista e ampliada. Fortaleza: EdUECE, 2005.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Antropologia filosófica. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2014

XENOFONTE. *Memoráveis*. Coimbra: FCT; Fundação Calouste Gulbekian, 2010.